



polo natal... chega o apalpador



www.agal-gz.org/gentalha

a gentalha do pichel

É sabido que a igreja católica aproveitou umha série de festividades que marcavam o ritmo das sociedades existentes antes da cristianização, tingindo com um novo verniz celebrações e festas com milénios de história.

Assim, sobre as celebrações pagás do solstício do Verao colocou o Sam Joám, ligou o entruido em que celebramos a extinção do Inverno com a quaresma, e santificou as festividades dedicadas à morte que desde muito atrás coincidem na nossa cultura com os primeiros compassos do Outono. Mas guardou a celebração mais importante, a do nascimento do mesmo filho de deus para situá-la nas mesmas datas em que a maior parte das culturas europeias anteriores à era cristá celebravam o solstício do Inverno, como momento de renascimento do ano.

Dessa sobreposição do cristianismo sobre os restos culturais pré-existentes temos um bom conhecimento na Galiza, porque nom se trata só da adaptação ao calendário senom da mesma ocupação dos espaços empregados de antano para cultos pré-crisaos sobre os quais, sem nengum complexo, se levantárom ermidas e cruzeiros para os adaptarem ao cristianismo.

Porém, e apesar do esforço que o cristianismo fixo para apagar qualquer pegada dos cultos e crenças populares, som muitos os vestígios que ficárom como testemunho. Nalguns casos com mais sucesso que em outros, mas em todos eles como prova das fundas raízes que o nosso povo, como cultura indígena que é, mantém.

Pode que o caso das tradições ligadas ao solstício de Inverno sejam algumas das mais prejudicadas por séculos de tergiversação, marginalização e ocultamento. E neste caso o processo de desculturização tem-se agravado pola sobreposição a umha primeira deturpação de origem católica, com séculos de andamento, da poderosa maquinaria ideológica do imperialismo que pretende homegeneizar a cultura popular a um nível global.

Mas por baixo do Pai Natal, o natal da Coca-Cola e do Corte Inglês; mesmo por baixo dos Reis Magos e o nascimento de Cristo, na Galiza mantivérom-se pegadas de antigas tradições que é preciso recuperarmos.

Assim, nalgumhas comarcas da alta montanha do leste da Galiza, no Courel, Lóuçara e o Cebreiro, mantinha-se até datas muito recentes a tradição do Apalpador, um gigante com ofício de carvoeiro, que, no Natal, baixava das devesas onde morava para as aldeias, com a intenção de apalpar nas barrigas das crianças e assim comprovar se estavam bem mantidas. O Apalpador vigiava que as crianças vivessem com fartura, desejava-lhes que no vindouro ano continuassem a nom passar fome, e deixava-lhes umha presa de castanhas quentes como presente e lembrança da sua visita.

Possivelmente esta antiga tradição do Apalpador seja um dos mais antigos vestígios da nossa cultura. E como parte dum património ameaçado devemos esforçar-nos por o mantermos e actualizarmos.

Porque vamos ter que assumir os ditados impostos por quem quiere aculturar-nos? Porque temos que ceder aos mandatos do consumismo capitalista e da tradição católica?

Aproveitemos também as celebrações do Natal para manifestar a nossa vontade de rebeldia e a nossa afirmação como povo, e comecemos por recuperar a figura do Apalpador.

Que nom seja mais o barbudo publicista da Coca-Cola, nem os submissos monarcas orientais os que traíam os presentes aos lares do nosso país!!

Deixemos que seja um galego, um honesto e trabalhador carvoeiro, quem venha agora com os presentes para as nossas moradas, e que as castanhas de antano sejam acompanhadas por outros bens que a sua generosidade de seguro lhe permite doar.

Este natal abramos-lhe as portas ao Apalpador!!!